

# **Identificação dos Saberes Locais e Culturais Definidores para a Conservação e Preservação da Biodiversidade do Cerrado.**

## **PIBIC (2010/2011)**

Muryel Moraes Arantes<sup>2</sup>, Dra. Maria Geralda de Almeida<sup>3</sup>

Universidade Federal de Goiás- Instituto de Estudos Sócio Ambientais, 74001-970, Brasil

muryel.arantes@gmail.com/ mgdealmeida@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:** Saberes Tradicionais, Biodiversidade, Identidade, território.

### **Introdução**

Este trabalho é parte de em um projeto de pesquisa intitulado: *Conhecimento Popular e as Práticas Socioculturais – Biodiversidade e Visões Contemporâneas do Cerrado*. E resulta em uma pesquisa sobre os conhecimentos populares do povo Kalunga, em Goiás, como fatores conservacionistas da biodiversidade do Cerrado.

O recorte espacial da pesquisa esta inserido no Sítio Histórico Cultural Kalunga que localiza-se nos municípios de Teresina de Goiás, Cavalcanti e Monte Alegre (Fig.01).

A pesquisa consistiu em quatro momentos: levantamento bibliográfico; visitas de campo; registros fotográficos e escritos, e elaboração de relatórios.

Como parte do levantamento bibliográfico será considerado o estudo de Marinho (2008) sobre as territorialidades Kalunga, neste ponto apresenta-se a inserção do território kalunga em Goiás bem como a relação de identidade das pessoas com este território. Para contribuir com a leitura geográfica destas comunidades, as categorias lugar e território serão analisadas e discutidas pelos estudos de Carlos (2007) e Almeida (2010) e por fim o conceito de biodiversidade proposto por Almeida (2003).

Com base nestes aportes teóricos e com o objetivo de identificar os saberes tradicionais dos kalunga, as visitas de campo foram realizadas. Durante as visitas, foram desenvolvidas atividades de mapeamento e registros fotográficos, além disso, as entrevistas foram de fundamental importância para compreender, por meio da memória dos Kalunga, como os saberes tradicionais se inserem no cotidiano.

---

<sup>1</sup> Revisado pela orientadora

<sup>2</sup> Orientanda

<sup>3</sup> Orientadora

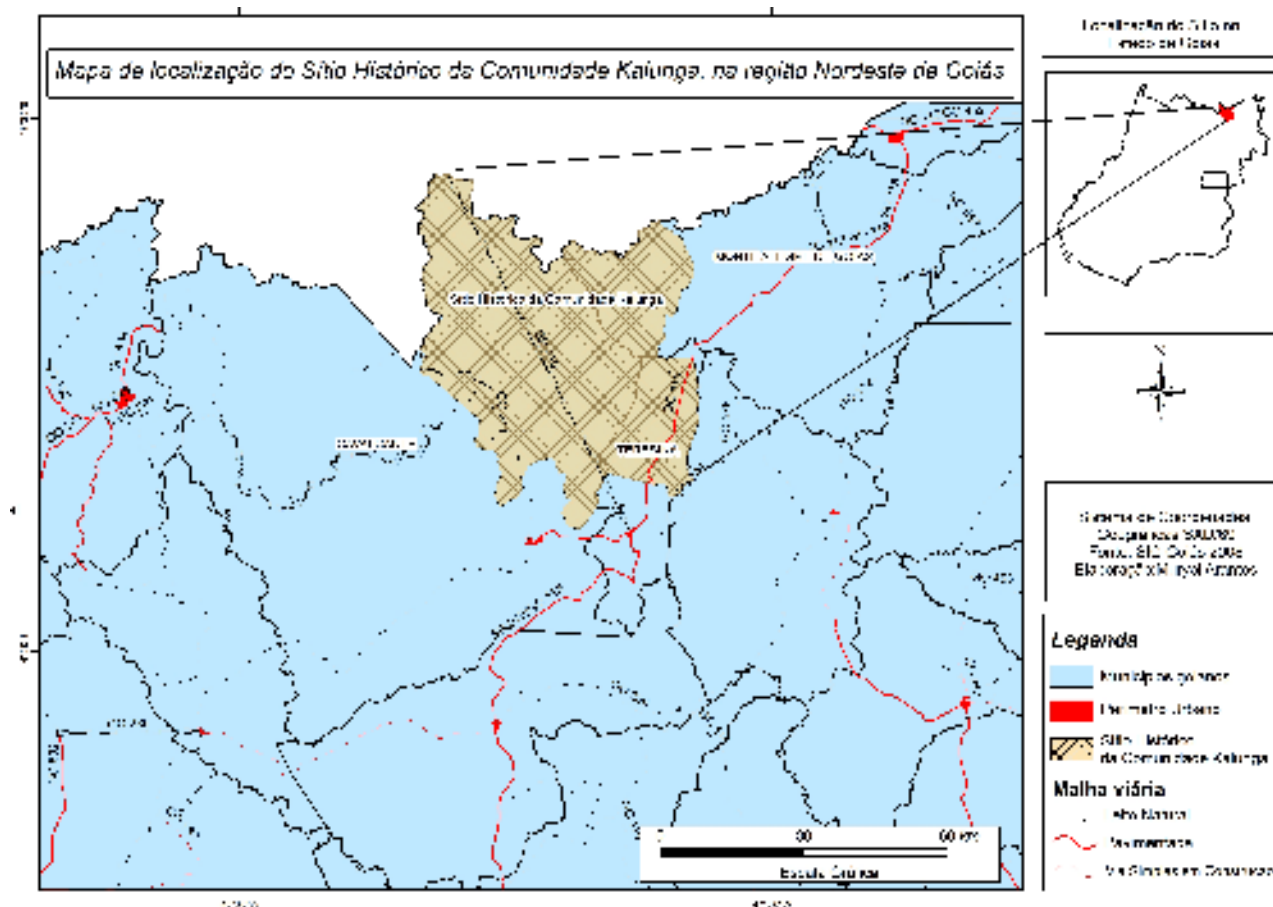


Fig.01. Mapa de localização do Sítio Histórico Cultural Kalunga – Território Kalunga

Dessa forma atingimos os objetivos da pesquisa no que diz respeito ao embasamento teórico, conhecimento da realidade das comunidades e registros que facilitam o entendimento do lugar estudado bem como os processos sócio-espaciais. Para a próxima etapa da pesquisa, será realizada a edição do vídeo proposto no projeto.

## 1. Objetivo Geral

Identificar os saberes locais e culturais definidores para a conservação da biodiversidade do Cerrado.

## 2. Metodologia

Para atingir o objetivo da pesquisa adotou-se uma metodologia qualitativa com base na percepção, memória e história oral. Para viabilizar esta metodologia foram adotados os seguintes procedimentos: trabalhos de campo realizados nas comunidades de Diadema e Ribeirão nos dias 26 e 27 de maio de 2011, entrevistas em 10 residências, mapeamento dos lugares percorridos e o

constante levantamento bibliográfico.

### 3. Resultados e Discussão

Vale ressaltar que a definição de comunidade quilombola aqui trabalhada não se restringe as dimensões espaciais, quantidade populacional ou de artefatos históricos. O sentido de comunidade tem significados materiais e simbólicos, “É uma comunidade e, como tal, passa a ser uma unidade viva, um lócus de produção material e simbólica. Institui-se como um sistema político, econômico, de parentesco e religioso que margeia ou pode ser alternativo à sociedade abrangente.” (ALMEIDA,2003, p. 119)

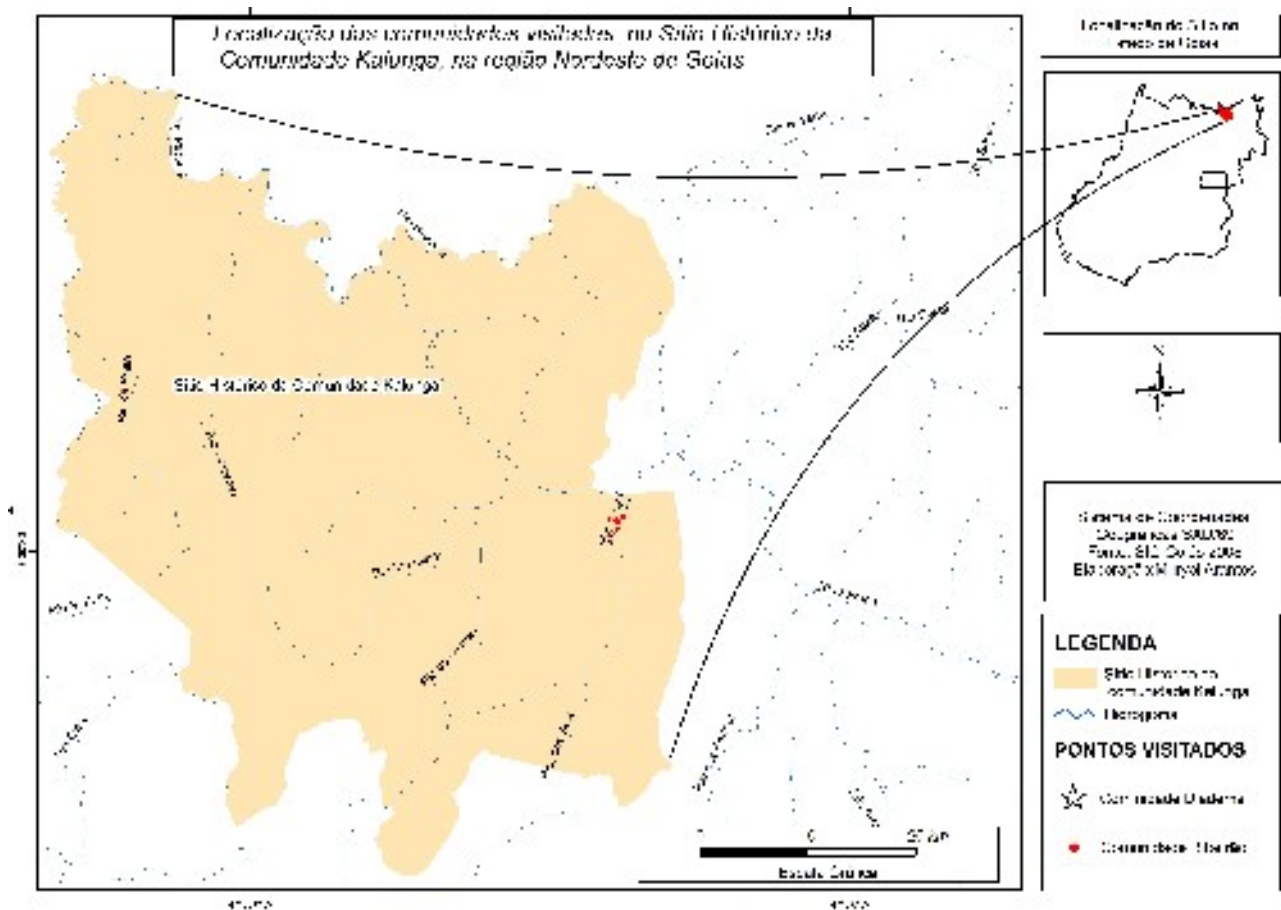


Fig. 02 Mapa de localização das casas visitadas nas comunidades de Diadema e Ribeirão

Sendo assim, nas comunidades de Diadema e Ribeirão foram visitadas 10 residências (fig.02), onde houve a possibilidade de conversar com os moradores por meio de entrevistas semi-estruturadas.

O objetivo das entrevistas foi buscar a compreensão dos saberes tradicionais que envolvem o Cerrado por meio da memória dos Kalunga. As principais questões levantadas remetem à memória

sobre o saber-fazer no cotidiano, e isso inclui técnicas de construção de casas, plantio, produção de remédios e preparo de alimentos.

Os saberes tradicionais estão relacionados à vida, a memória e ao cotidiano dos Kalunga. Tais elementos nos remetem a territorialidade desse povo, e tal territorialidade no contexto contemporâneo, onde a preocupação com a preservação do ambiente esta evidente, se torna importante para se considerar uma relação positiva entre as perspectivas econômicas, a preservação da cultura tradicional e a conservação do Cerrado.

O cotidiano Kalunga representa um tempo diferente do tempo do capital, embora seja influenciado pelos dos meios de comunicação, e pela dinâmica econômica capitalista, que atualmente já se instalou no campo.

O tempo do plantio depende da natureza, seca ou chuva, o tempo do trabalho doméstico depende da necessidade da família e o ritmo dessas atividades não extrapola os limites naturais do corpo.

De acordo com esse ritmo de vida e de trabalho, as famílias visitadas apresentaram as técnicas aqui reconhecidas como saberes tradicionais. As principais técnicas mencionadas foram as utilizadas no preparo da farinha, construção de casas de palha e preparo de remédios.

Os roçados em Diadema e Ribeirão têm em média 50m<sup>2</sup> e todos os procedimentos para o cultivo ou pastagem é feito com utensílios manuais como machado, foice e enxada. A técnica utilizada consiste em retirar às plantas maiores com o machado, e com a enxada as menores, depois se faz a queimada controlada para então plantar.

A alimentação é essencialmente composta por arroz, feijão, carne e macarrão e o preparo dos alimentos é feito com óleo, sal e alho.

Durante as visitas percebemos que os Kalunga, inicialmente, não utilizavam muito óleo de soja, como no caso do arroz canja que é feito cozido em água, sem fritar no óleo. Mas eles relatam que quando tem visita se faz o arroz passado, da maneira convencional que estamos acostumados. Assim percebemos que há um aumento na quantidade de óleo ingerida, mas que isso não é de costume dos Kalunga.

Uma técnica bem conhecida nas comunidades é a do preparo da farinha que consiste em ralar a mandioca para obter a massa que peneirada pode ir ao forno para torrar e o que resta pode ser aproveitado com biju. Neste processo utilizam mandioca e água como ingredientes. Mas nas comunidades estudadas não esta sendo muito praticada essa técnica do preparo da farinha.

Os artesanatos não são muito mencionados, mas as construções das casas são bem próprias da comunidade (fig.03) Utilizam basicamente palha de buriti, madeira, tijolos de barro e pregos.



Fig.03 Casa de Palha na Comunidade Ribeirão

Mesmo tendo construções de casas de alvenaria doadas pelo governo, as casas de palha ainda são mantidas, alguns ainda para morar e outros apenas para não se desfazer delas, já que foram criados nesse tipo de casa.

O custo de construção desse tipo de casa é mínimo, o único item essencial comprado na cidade é o prego ou no caso das que são construídas atualmente, pode-se perceber o uso de cimento que também representa um custo extra.

Essas práticas relatadas fazem parte da biodiversidade do Cerrado, pois foram saberes obtidos a gerações e inculcidos de simbolismos relacionados ao modo de viver no Cerrado.

### **3.1 Sítio Histórico cultural Kalunga**

No levantamento bibliográfico acerca do tema, consideramos: estudos acadêmicos sobre os Kalunga, como o realizado por Marinho (2008), a bibliografia sobre as categorias geográficas lugar e território, e o conceito de biodiversidade proposto por Almeida (2003). O que compõe as bases teóricas para este estudo que serão mencionadas a seguir.

O sentimento de identidade de um povo em relação ao ambiente é o que nos permite classificá-lo como lugar. Para Carlos (2007) “o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória através dos sentidos e do corpo”.

O conteúdo que o lugar guarda nos remete tanto ao espaço físico como a dinâmica social permeados pela percepção humana. Nesse sentido analisamos a identidade dos Kalunga com o Cerrado por meio da memória e através desta análise tornou-se possível a compreensão de alguns aspectos sobre a relação entre o povo e o seu lugar.

Ainda de acordo com a referida autora, a memória é um aspecto que constitui o conceito de lugar, pois apreende as características de determinado espaço e vem da vivência do indivíduo e do coletivo.

O sentimento de identidade, individual ou coletivo, que constamos no lugar pode, em diferentes escalas e de acordo com a apropriação, dar origem ao processo de territorialização.

O território tanto pode extrapolar delimitações institucionalizadas do espaço como pode dar origem a novas delimitações, como ocorreu na institucionalização do território Kalunga em Goiás, em um processo de territorialização

A territorialização é entendida com apropriação do espaço conforme Haesbert (2005) o processo de territorialização está diretamente relacionado à apropriação, ou uso que se faz de determinado espaço, conferindo assim aspectos subjetivos e culturais e diferenciando-se do termo propriedade.

Percebe-se este processo de territorialização nas comunidades de Diadema e Ribeirão onde não há delimitação de terras ou cercas demarcando propriedades. À terra foi atribuído um valor subjetivo ligado a família e a coletividade dos moradores e é assim que há a possibilidade de se demarcar um território dentro da comunidade.

Esse modo de se delimitar um território é próprio dos Kalunga e com a criação do sítio histórico cultural Kalunga, entende-se que o estado e a comunidade reconhecem esse modo de territorialização. O que implica em uma inserção de conflitos de poder no território Kalunga.

As relações de poder inseridas no processo de territorialização podem influenciar a apropriação e a identidade das pessoas. No caso do território Kalunga em Goiás, Marinho (2008) afirma que,

A relação entre identidade e territorialidade ganha uma ênfase diferenciada a partir do reconhecimento constitucional, consolidada, de vez, pela criação de uma secretaria com funções de ministério, específica para a demanda racial, que é a SEPPIR (Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial). A partir do reconhecimento e visibilidade que a comunidade adquiriu, diversas políticas foram implementadas nessas comunidades e passaram a interferir na organização social, e conseqüentemente na dinâmica cultural e identitária dessas comunidades. (pag. 14.)

Essa influência institucionalizada e capitalista que difere do modo de vida dos quilombolas muda a relação do Kalunga com seu espaço vivido, com o Cerrado e com os seus. Não defendemos aqui o isolamento dessas comunidades, e sim que essa relação de influência seja benéfica aos atores envolvidos e ao ambiente.

Para tal, consideramos os saberes tradicionais como fatores importantes para a conservação da biodiversidade do bioma Cerrado, incluindo neste termo a preservação das tradições e da cultura Kalunga.

O termo biodiversidade ao qual nos referimos vai além das interpretações biológicas ou economicistas, e atinge uma interpretação cultural no momento em que se considera a apropriação do Cerrado pelos povos tradicionais, conforme nos afirma Almeida (2003, p.72), “A visão que estas

populações possuem da biodiversidade é resultante de uma cultura particular, na apropriação do território, no conhecimento local e conservação do cerrado.”

Considerando estes aportes teóricos buscamos o conhecimento dos saberes tradicionais relacionados ao cotidiano kalunga, e considerando-os como definidores da biodiversidade do Cerrado.

### **3.2 Diadema e Ribeirão**

As comunidades de Diadema e Ribeirão estão localizadas a aproximadamente 40 km de Teresina de Goiás, na zona rural do município. As duas comunidades têm aproximadamente 130 famílias residentes em 120 casas, de acordo com informações obtidas com agente de saúde atuante nas duas comunidades.

As comunidades possuem escola, creche, e uma igreja evangélica. As missas são rezadas na escola, em ocasiões comemorativas, batismos e casamentos, nestas ocasiões o padre se desloca da cidade para atender as pessoas da comunidade.

Os moradores se declaram de família católica, e, portanto católicos desde o nascimento, mas com a presença das igrejas evangélicas, muitos começam a freqüentar essas igrejas ou a tem mesmo acompanhar os cultos pela televisão.

Sobre os recursos hídricos, eles contam com o Ribeirão, de onde retiram água com bombas elétricas e com o Paranã. Existe também um poço artesiano que a prefeitura instalou em Ribeirão e que abastece algumas famílias. Algumas famílias ainda buscam água nos rios com baldes.

Aqueles que possuem roçados não comercializam seus produtos, eles mantêm o hábito de trocar com vizinhos e parentes, além do consumo próprio. Várias famílias recebem aposentadoria e bolsa família, e por meio desta renda compram mantimentos e remédios em Teresina ou cidades próximas.

Algumas casas têm telefone celular rural e a grande maioria tem televisão com antena parabólica.

Passamos pela trilha que leva ao funil <sup>4</sup>, esta rota era utilizada para transportar mantimentos da cidade para o Vão de Almas, ou até mesmo pessoas doentes em busca de cuidados médicos. Atualmente só é utilizada para o lazer e pesca dos que moram mais próximos.

Os resultados obtidos por meio das conversas e entrevistas revelaram que os valores atribuídos aos saberes tradicionais estão se perdendo diante das necessidades do cotidiano, de dez entrevistados somente um demonstrou e relatou seus saberes de forma valorativa. A maioria não

---

<sup>4</sup> Os kalunga denominaram Funil uma parte mais estreita do rio Paranã, onde a vazão do rio é mais intensa. Neste lugar pessoas de outras comunidades ou, até mesmo, de Teresina, costumam acampar para prática da pesca.

admite esse valor, nas palavras da senhora T. “Se avesse de te valor nós não tava nessa situação e nossos fio indo embora”. Constatou-se então, uma influencia do modo de vida moderno, que permite que eles considerem a qualidade de vida ruim.

É comum relacionar a idéia de influencia da modernidade à melhoria da qualidade de vida, mas no caso dos Kalunga essa influencia não significa uma melhoria.

Essa influencia do mundo moderno dentro dos quilombos a muito foi negada, o isolamento sempre esteve relacionado ao quilombo conforme reitera Paula (2003),

A visão do quilombo, enquanto uma instituição de resistência, onde em alguns casos o isolamento representava uma das estratégias de sobrevivência, parece ter se mantido no decorrer da história, visto que na atualidade, raramente é possível encontrar artigos de jornal ou revista e até mesmo, trabalhos de natureza acadêmica que tratam a respeito de agrupamentos negros rurais, que não relacionem o elemento isolamento a estes grupos. (Pág. 47)

Apesar dessa idéia de isolamento existem evidencias da mobilidade desses povos como as migrações entre as comunidades e relações de trabalho estabelecidas com pequenos centros urbanos.

O ‘saber fazer’ do povo Kalunga em relação à vida e ao ambiente aliado ao sentimento de pertencimento ao lugar configura fator importantíssimo para a preservação da biodiversidade.

As técnicas utilizadas para preparo de alimentos, construção de casas e preparo de remédios vão de encontro às preocupações do mundo atual, de uma melhor qualidade de vida em harmonia com a natureza.

## **5. Considerações Finais**

Os estudos realizados nas comunidades tradicionais podem representar um importante dialogo entre os quilombolas Kalunga e a sociedade não quilombola. Essa interação interessa aos Kalunga não pelo motivo de saber quem são, mas sim de saber como o mundo capitalista enxerga a biodiversidade do Cerrado na qual está contido os saberes tradicionais destes povos.

O saber fazer, a identidade e a territorialidade dos Kalunga são pilares para a conservação da biodiversidade e quanto mais valorizados dentro e fora das comunidades mais segura esta a diversidade da vida no Cerrado.

## **REFERÊNCIAS**



ALMEIDA, M. G. Cultura ecológica e biodiversidade. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 2, n. 3, jun./jul. 2003. p.71-82. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewArticle/166>> Acesso em: 20 mar. 2010.

\_\_\_\_\_ Territórios De Quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás - patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado. In: **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 4, n. 10, p. 36-63, abr/2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/issue/view/792>> Acesso em: 20 ago. 2010.

\_\_\_\_\_ Dilemas territoriais e identitários em sítios patrimonializados: os Kalunga de Goiás. In: **Cerrados Perspectivas e Olhares**. PELÁ, M.C.H; CASTILHO, D. Goiânia. Ed.Vieira.2010

MARINHO, Thais Alves. **Identidade e territorialidade entre os Kalunga do Vão do Moleque**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFG. 2008. 208 p.

CARLOS, A.F. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH. 2007. Disponível em <[www.fflch.usp.br/dg/gesp](http://www.fflch.usp.br/dg/gesp)>.

PAULA, M.V. **Kalunga: o mito do isolamento diante da mobilidade espacial**. 2003. Dissertação de mestrado (mestrado em Geografia) – Programa de pesquisa e pós-graduação em Geografia – UFG.2003.

HAESBAERT, R. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. In: Anais do X encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2005.

JESUS, M. R. **Migração quilombola: território e identidade – estudo preliminar de migrantes kalungas no distrito federal**. Dissertação de mestrado (mestrado em gestão ambiental e territorial) – Departamento de Geografia do instituto de ciências humanas da Universidade de Brasília. UnB.2007.